

Chance de funcionar

ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O dia de ontem foi de desabafo no Hospital de Base do Distrito Federal (HB-DF). Por mais de quatro horas, metade dos 250 médicos residentes que se especializam na instituição contou os problemas enfrentados para manter um atendimento digno à comunidade, apesar da falta de medicamentos, materiais e equipamentos. Tiveram como ouvintes os nove representantes das principais entidades médicas brasileiras, nomeados pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) do Ministério da Educação (MEC) para traçar a radiografia dos 31 programas de pós-graduação do HBDF. A opinião do grupo será decisiva para que o maior hospital público do DF mantenha ou perca as credenciais que lhe permitem ministrar os cursos de especialização.

O grupo voltou ao local às 9h de ontem para ouvir os residentes. Eles relataram as vezes em que foram agredidos por familiares de pacientes, revoltados com a demora e a precariedade no atendimento. E apontaram a falta de medicamentos indispensáveis e de materiais básicos como seringas e algodão. Falaram da frustração com o parque de imagens. Aparelhos de ressonância magnética, tomografia e de raios-X que não funcionam ou são em número inferior ao necessário para um hospital que atendeu, só em 2004, quase 500 mil pessoas.

“Contamos tudo, mas, principalmente, que todos os esforços da equipe e dos residentes para fazer um trabalho digno resvalam na limitação estrutural, que independe de nossa vontade”, comentou o presidente da Associação Brasileira de Residência Médica, André Borba Meireles, residente do 4º ano de Neurocirurgia. Os visitantes ouviram ca-

Marcelo Ferreira/CB



AMBULÂNCIAS NO PÁTIO DESDE DEZEMBRO: FALTAM EQUIPES PARA OPERÁ-LAS

lados. Depois, trancaram-se por quase três horas na sala de reuniões do Departamento de Residência Médica e Projetos Especiais do MEC e elaboraram uma nota técnica que será enviada à plenária da Comissão Nacional

de Residência Médica.

“Não adiantaremos o teor da nota. A comissão especial é deliberativa. Expressa o que verificou. A plenária é que discute o documento e decide se mantém ou retira o credenciamento”, ex-

plicou o diretor-executivo da CNRM e diretor do Departamento de Residência do MEC, o cardiologista Antônio Carlos Lopes. A decisão não será tomada agora. Entre 7 e 9 de abril, a comissão avaliará os hospitais São Vicente de Paula e os regionais da Asa Norte, Asa Sul, Taguatinga, Ceilândia, Sobradinho e Gama. “A plenária deve apreciar todos os relatórios de uma vez, a partir de 21 de abril. Só então teremos uma decisão definitiva”, disse Lopes.

Ele pretende pedir à plenária que os cursos com condições mínimas de funcionamento tenham o credenciamento mantido e cumpram as exigências, e que os demais recebam prazo de dois meses para as adequações. O secretário de Saúde do DF, José Geraldo Maciel, espera cópia do relatório para adequar o sistema. “Não abriremos mão de nossa experiência de 40 anos formando médicos no DF”, disse.

CARROS PARADOS

Desde dezembro, 37 ambulâncias novas estão paradas no pátio da Secretaria de Saúde. Foram repassadas pelo Ministério da Saúde, que investiu R\$ 4,2 milhões na compra e R\$ 449 mil para equipá-las. “É uma infâmia a população precisar de atendimento e os carros ficarem na garagem”, disse o deputado Augusto Carvalho (PPS). Ele recebeu denúncias de que elas estavam paradas por falta de seguro e equipes para operá-las e problemas de emplacamento. O secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, confirmou que há equipes sendo treinadas para o serviço. “Faltam profissionais. Não posso tirá-los dos hospitais. Conversarei com o ministério em busca de solução definitiva”.